

03-02-2025

CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Essa coisa de fazer, nos tempos atuais, um diário de viagem de muitos anos atrás, misturando coisas do presente está me confundindo. As coisas que eu pensava lá nem sempre eram as coisas que eu penso cá. Mas, pra conciliar pensamentos atravessados pela conjuntura e minha história de vida, só pensei numa coisa: *tudo que eu inventar não pode ser diferente do que eu teria feito agora, e vice-versa*. Quando a gente escreve, mesmo ficcionando, a gente deve guardar a essência do que somos. É isso que busco descrever: *o que sou*. Antes de chegar aqui, após o convite para ser colunista, eu estudei os textos dos diversos autores da Coluna Opinião. Discordei de alguns, me emocionei com outros e fiquei muito instigado por muitos. Juca chamou um dos trabalhadores do posto Shell e avisou: *vou almoçar com um amigo do Élcio, volto mais tarde*. Devia ser umas nove horas. Em torno das dez horas chegamos no quilombo. Juca chamou Tião e foi logo pedindo pra ele dizer como é que as pessoas que viviam ali faziam pra se virar. Me apresentou: *Ele é um pesquisador das vidas dos sobreviventes da pobreza*. Seu Tião entendeu na hora. Eu demorei a entender um pouco mais, mas principalmente que eu já tinha sido alçado à condição de pesquisador. E, ora vejam, que eu estava apenas começando minha viagem rumo ao SOL e à faculdade. Sorte..... Em algum momento, olhando pra cara daquele preto velho, em pleno quilombo, reví Maria Laura me dizendo que eu tinha a faca e o queijo na mão durante a viagem. Sou grato a ela, embora nunca mais a tenha visto. Quem sabe um dia... Mas meu olhar pro velho preto Tião era só de encantamento. Meus ouvidos atentos, então, nem sei dizer. Essa sabedoria ancestral antes de eu entrar na escola propriamente dita moldou minha trajetória quando entrei lá. Toda a minha intuição empírica sobre a economia em geral, tanto aquela dominada pelo neo/necroliberalismo, quanto a economia mais à esquerda que defende a distribuição de renda e riqueza, mas trabalha com o paradigma de um crescimento econômico às custas dos mesmos de sempre, foi comprovada ao ouvir as pessoas que vivem sob o tacão de uma alternância de poder que não lhes dão as soluções requeridas. E muito menos as oportunidades. Seu Tião do Quilombo do Campinho era o professor dessas coisas, ainda que não fosse letrado como os leitores desta coluna.

Lá ninguém tinha emprego formal, salvo alguns desgarrados (que nem sempre retornavam). Duvidam se agora, anos depois, têm? Além do abandono secular do Estado brasileiro, desde os tempos da abolição, eram e são obrigados a ficar confinados nas fronteiras de uma estrutura socioestatal racista que nunca os aboliu. São típicos sítios de pertencimento onde a dança, a música, a pintura, a costura, o artesanato, a culinária, a irmandade e a solidariedade são a fartura inesgotável do pertencimento. E o trabalho e a identidade os une. A economia do pertencimento que une pessoas e as faz sobreviver cantando e dançando e produzindo e clamando por justiça não ganha Prêmio Nobel de Economia. Tampouco frequenta bolsas de valores... valores? Quais valores? Ganância do crescimento, crescimento da ganância? Essa viagem me colocou num rumo tão inesperado quanto transformador. Eu que era *talhado-para-o-nazi* consegui me livrar de uma esquerda que faz o que a direita quer treinando com a canhota e errando o gol o tempo todo e de um centro político que representa, no corpo humano, o orifício central por onde saem nossas necessárias e incômodas excrescências. Depois dessa viagem, aprendi que a opção ideológica é tão revolucionária quanto ficar no mesmo lugar: olhos fechados e boca entupida de palavras não ditas. Minha luta aparentemente individualista, como microempreendedor, me deu a chance da ruptura possível num mundo absolutamente impossível de externar internalidades e internar externalidades capazes de criar novas harmonias do con-viver. Experiências há. Estive aprendendo isso nessa viagem, a que retorno pra não me perder de novo. Almoçamos. A mesa posta no meio das árvores do Campinho, era farta, muito farta. Foi a primeira vez que me senti no meio de pessoas estranhas como se eu estivesse ineditamente no meio de pessoas de minhas entranhas. ... Os painéis encantadores movidos à lenha (retirada com carinho) cheiravam aos cheiros do mundo de quaisquer narizes: feijões solenes, farofas e torresmos triunfais, peixes pelas mãos diretas de Iemanjá e bananas prontas a serem ofertadas a Oxum. Fartei-me como nunca havia feito em minha terra natal. E os camarões que tanto eu já conhecia de minha mãe e minhas tias me fizeram pela primeira vez na viagem ter querido estar ali com elas. Estou certo que depois de haver alguma resistência elas teriam se lambuzado. Mas eu ainda era um viajante. Minha deliciosa sobremesa entrou por meus ouvidos com as últimas palavras de seu Tião. Me abraçou como se eu nunca houvesse sido abraçado daquela forma. Logo eu que tinha uma família enorme e o tinha conhecido naquele dia horas antes. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.